

Por um debate sobre História e Historiografia Digital

Anita Lucchesi¹

Resumo: A humanidade encontra-se na transição da cultura alfabética para a cultura digital e, com isso, novas formas de escrita da história estão passando a ser consideradas em alguns espaços acadêmicos. Diante disso, este artigo objetiva discutir as implicações dessas mudanças e a emergência de novos objetos para o estudo da história, levando em consideração a necessidade de tornar esta discussão corrente na academia. Dada à atual carência de instrução especificamente relacionada à entrada das mídias digitais e da Internet na oficina da História, propomo-nos a discutir aqui quais problemas este “novo” nos apresentam como justificativa para pensarmos a necessidade de incluir a discussão sobre História e Historiografia Digital nas universidades do Brasil.

Palavras-chave: História Digital, Historiografia Digital, metodologia, instrução.

For a debate on HHistory and Digital Historiography

Abstract: Humanity is in transition from alphabetic to digital culture and with it, new forms of writing history are beginning to be considered in some academic spaces. Thus, this article aims to discuss the implications of these changes and the emergence of new objects for the study of history, taking into account the need of making this issues a current discussion in academia. Given the current lack of instruction specifically related to the introduction of digital media and the Internet in history studies, we propose to discuss here which problems this "new" is bringing to us and in how can it justify the need to include such discussion on Digital History and Historiography in Brazilian universities.

Key-words: Digital History, Digital Historiography, methodology, instruction.

Artigo recebido em 28/03/2014 e aceito em 02/04/2014.

#fromwereistand^{II}

O passado que “conhecemos” – disse o historiador – é sempre condicionado por nossas próprias visões, nosso próprio “presente”. A afirmativa de Keith Jenkins hoje não é novidade. Com ele, muitos outros já afirmaram e aprendemos que sempre se parte do presente. Não conseguimos nos desvencilhar do nosso tempo quando “vamos ao passado.”. Nem a ficção possibilitou isso ao *Time Traveller* de H.G. Wells^{III}. Mas a afirmativa de Jenkins tem um caráter didático importante, informando o óbvio, que por sua própria natureza, tantas vezes abstraímos em meio à rotina do trabalho diário:

Assim como somos produtos do passado, assim também o passado conhecido (a história) é um artefato nosso. Ninguém, não importando quão imerso esteja no passado, consegue despojar-se de seu conhecimento e de suas pressuposições.^{IV}

Em outro momento, Michel de Certeau frisava que “cada sociedade se pensa ‘historicamente’ com os instrumentos que lhe são próprios”^V, construindo o argumento de que o próprio gesto fundador do “fazer história” - a interpretação - é mediado pela técnica. Técnica indubitavelmente perpassada pelo desenvolvimento da ciência, o que, de certa maneira, implica em mudanças e novas críticas sobre essas técnicas de tempos em tempos. Como nos lembra Manoel Luiz Salgado Guimarães, cada geração reinventa seu próprio legado – elaboração que traz consigo a crítica sobre o próprio ofício, a redefinição de práticas e uma constante negociação com tensões e conflitos inerentes ao presente^{VI}.

Compreendendo a *inescapabilidade* do presente, este artigo propõe uma reflexão sobre as condições de produção de conhecimento histórico no Tempo Presente, considerando as técnicas, instrumentos e contingências que condicionam atualmente nosso olhar para o passado. Haveria inúmeros elementos a serem considerados para dar conta do que cabe na palavra “contingências”, contudo, limitamos o foco desses pensamentos às mudanças tecnológicas ocorridas nos últimos anos do século XX, que continuam *in moto*, se aprimorando e trazendo outras inovações no começo desde século. Não desprezamos, contudo, que pensar tecnologias, em qualquer tempo, implica uma reflexão sobre cultura, pois o conjunto de conhecimentos que se organizam em torno dessas tecnologias não se limita ao universo dos dispositivos eletrônicos e às diversas máquinas que derivam desses estudos. Os adventos tecnológicos influenciam hábitos, comportamentos, padrões de consumo e relacionamento, modelos de trabalho e, a ver, o modo como escrevemos a história.

Nota-se, aliás, a ocorrência de estudos sobre como a tecnologia afeta a propriocepção dos indivíduos (a percepção do corpo no espaço em relação a outros corpos^{VII}). Nos limites deste artigo, porém, basta que se considere o que observou Robert Darnton sobre a *Fingerspitzengefühl* (do alemão, sentimento das pontas dos dedos)^{VIII} - disposição sensorial que nos orienta no mundo – para ele, essa sensação é significativamente diversa na geração “nascida digital”, sendo suficiente observar que o simples gesto de digitar mensagens no celular utilizando os polegares já é radicalmente diferente do que as primeiras clássicas discagens de telefones fixos com o dedo indicador. Isso não significa dizer que essas sejam mudanças sejam melhores ou piores que outras já vividas, mas nos alerta para a repercussão da tecnologia em diversos âmbitos da vida social. Conforme afirmara Melvin Kranzberg^{IX}:

A tecnologia não é boa, nem má e também não é neutra.

Com isso pretendo dizer que a interação da tecnologia com a ecologia social é tal que os desenvolvimentos técnicos frequentemente têm consequências ambientais, sociais e humanas que vão muito além dos próprios objetivos imediatos dos dispositivos técnicos e das práticas em si, e a mesma tecnologia pode ter resultados muito diferentes quando introduzida em contextos diferentes ou sob diferentes circunstâncias. (KRANZBERG, 1986:545-46, tradução nossa)^X

#historia #historiografia #digital

Dentre as chamadas tecnologias de informação e comunicação, para estreitar nosso recorte nas amplas possibilidades tecnológicas, interessa-nos pinçar as mídias digitais inseridas no contexto de surgimento e evolução da *World Wide Web*^{XI}, a rede mundial de computadores, que hoje se encontra em sua segunda geração (2.0), caminhando para a terceira (*Web Semântica*). Essas mídias e a constelação digital ao seu redor (aplicativos, *softwares*, *widgets* etc.) têm sido responsáveis por uma mudança sem precedentes na percepção e na compreensão dos fenômenos comunicacionais. A humanidade encontra-se na transição da cultura alfabética para a cultura digital, de modo que a forma como apresentamos as informações está se modificando. Além disso, a chegada dessas tecnologias foi acompanhada de um movimento de virtualização que provocou significativa distensão das noções de tempo e espaço. Fatores que de diferentes maneiras atravessam elementos chave para os profissionais da História: o tempo, o espaço e o dado.

À base de todas as ciências, naturais ou humanas, está a informação. O que tem sido observado por diversos estudiosos é que na Era Digital a humanidade tem lidado diferente com a informação, de modo geral, não apenas no âmbito acadêmico. Se, contudo, pensarmos na produção de conhecimento científico no seio das várias comunidades acadêmicas, a situação não é tão diferente. O efeito *Google* de acesso imediato a informações tópicas, por exemplo, é sentido lá e cá^{XII}. Obviamente o *Google* não sintetiza as transformações em andamento, mas constitui um dramático exemplo de como a sociedade tem se informado. Estamos falando do surgimento de redes de informação, da sociedade da informação, baseada na aplicação de novas tecnologias na produção, troca, processamento e divulgação das mesmas.^{XIII}

Neste contexto, tem se observado que a "Virada Digital" na prática acadêmica está desenvolvendo uma profunda compreensão e um senso de responsabilidade em torno da "usabilidade" (*usability*) e "legibilidade" (*readability*) da *Web*, que têm se tornado objeto de reflexão entre teóricos de diversas áreas do conhecimento. No Brasil, por exemplo, surge em 2013 a Associação das Humanidades Digitais^{XIV}, uma reunião de pesquisadores de diversas áreas das Ciências Humanas, corroborando essa tendência.

Na transição do analógico para o digital, como muito antes a passagem da tradição oral para uma tradição alfabética, criam-se novas formas de expressar e dispersar informações. Emergem desse caldo novas formas de escrever e ler. Debate-se o futuro do livro. Acompanha-se o surgimento de novas linguagens, tanto as de programação (HTML, por exemplo), mais invisíveis ao usuário comum de internet, quanto a largamente compartilhada linguagem informática, que não é nem verbal, nem oral, mas icônica (no Brasil ou no Japão, a imagem de cesta de lixo, de um envelope ou de uma lupa em um computador querem dizer a mesma coisa). Vemos o surgimento de novas possibilidades narrativas, menos lineares e mais hipertextuais, que intensificam potencial do virtual e podem abusar do audiovisual. Aparecem novos arranjos museográficos e se discute o que a modelagem e a impressão 3D podem fazer pelos museus. Para Steve F. Anderson, a tecnologia midiática traz consigo uma diversa

possibilidade de se *reimaginar* nossa relação com o passado, através do que ele chama de “*Visual History*” (somente possível através os recursos multimídia), seja na tela da TV, dos cinemas ou dos computadores, seja no teatro ou no museu^{XV}.

Com isso, as possibilidades de escrita da história digital emergiram como objeto de estudo para alguns historiadores nos Estados Unidos (*Digital History*) e na Itália (*Storiografia Digitale*), trazendo para a oficina da história questionamentos que vinham sendo colocados já nos anos 1990 às ciências humanas, como um todo, haja vista o diálogo que surge nos dois países entre a História e as *Digital Humanities* (no caso dos EUA) e a *Informatica Umanistica* (no caso da Itália).

Alguns anos após a publicação dos volumes *Storiografia Digitale* (Itália, 2004)^{XVI} e a publicação estadunidense *Digital History: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the web* (Estados Unidos, 2005)^{XVII}, observa-se a intensificação dos debates a respeito da história/historiografia digital nestes países, como também o início de uma discussão mais focada a respeito da relação da História e das Novas Mídias em outros países, como Inglaterra, Alemanha, França e Brasil.

Por aqui, um dos trabalhos pioneiros foi o texto de Luciano Figueiredo, *História e Informática: o uso do computador*^{XVIII}, que apontava o potencial da informática em pesquisas historiográficas. Curiosamente, o trabalho de Figueiredo padece de um problema profetizado pelo próprio autor: “O amanhã – nessa velocíssima vertigem que a ciência informática (e o mercado) introduziu – tornará este texto obsoleto”^{XIX}. Apesar do sucesso de sua previsão e logo, a curta permanência da atualidade de seu escrito, Figueiredo lançou a pedra para uma discussão profícua sobre os desafios colocados pelos computadores pessoais e pelas redes de comunicação ao ofício do historiador no Brasil. Quase vinte anos depois, o debate ainda permanece circunscrito a um pequeno número de pesquisadores brasileiros (isso se compararmos nossa realidade ao caso italiano ou estadunidense), mas o as discussões têm trazido importantes reflexões, desde o uso de fontes históricas advindas da Internet (*born digital* ou digitalizadas), passando pelo aparelhamento ideológico de sítios da *Web* até os desafios que a memória digital apresenta.^{XX}

Recentemente (março/2014), como resultado da pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), defendemos o trabalho dissertativo intitulado “*Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente (2001-2011)*”^{XXI} no qual buscamos comparar as duas tendências historiográficas já citadas aqui, novamente mencionadas no título do trabalho. Procuramos explorar as razões para a emergência do tema como objeto de estudo nestas duas realidades nacionais e buscamos compreender quais são as contribuições do debate para a escrita da história no tempo presente, especialmente levando em consideração o advento da Internet e das Tecnologias de Comunicação e Informação. Neste bojo, discutimos as particularidades da operação histórica em tempos de cibercultura, levando em consideração a transição da cultura impressa para a cultura digital, o que nos levou a contextualizar uma série de procedimentos do nosso ofício às novas dinâmicas atuais do ciberespaço.

Durante a redação do trabalho, muitas perguntas que extrapolavam o escopo principal e o tempo disponível para a realização da pesquisa apareceram. Com isso, especialmente motivado pela necessidade de continuar o debate, nasce este sintético artigo, cujo desdobramento esperado é, diante das particularidades da produção de conhecimento histórico no tempo presente, provocar a discussão sobre a necessidade de uma efetiva de inclusão do tema “História e Historiografia Digital” na oferta formativa brasileira.

Partimos da constatação que estamos vivendo essa dita “revolução dos meios digitais”^{XXII} sem termos desenvolvido as competências necessárias para navegar criticamente e efetivamente avaliar e criar informações utilizando as tecnologias hoje disponíveis. Nossa compreensão é a de que existem potencialidades inexploradas no meio digital, que vão muito além de simplesmente comunicar, acessar e processar dados: novos sentidos são criados em cada relação tecnologicamente mediada – sentidos retóricos, políticos, históricos. Isso faz com que se torne cada vez mais necessário buscarmos um processo real de letramento digital, para uma efetiva Sociedade do Conhecimento Digital (*Digital Scholarship*). Não basta que a comunidade histórica acadêmica acesse bancos de dados *online*, acervos digitais, crie listas de discussões, *sites* ou *blogs*. Isso já acontece de forma bastante compartilhada. O problema, como observamos no início, é que determinadas atitudes, sejam elas práticas ou subjetivas, de elaboração/abstração, muitas vezes são tomadas como óbvias e, como tais, não são questionadas porque se naturalizaram, se camuflaram em meio a rotina do trabalho.

François Hartog, acompanhado de Fernand Braudel, já anunciara “ocorre frequentemente que, sob a influência de fortes e ricas tradições, toda uma geração atravessa o tempo de uma revolução intelectual sem participar dela”. Pensando com o autor, romper com esse quadro requer um esforço para criar interesse e movimento em torno de algo novo, pois “existem, como sabemos, as inércias das disciplinas, as rotinas das escolas, o peso das instituições”^{XXIII}.

Nesse sentido, convocamos os colegas a discutir as implicações das mudanças tecnológicas que mencionamos acima, bem como refletir sobre a assunção disso como objeto de estudo da história também em nosso país, que é o quinto mais conectado do mundo e já ultrapassa a marca de 100 milhões de usuários de Internet^{XXIV}.

Com isso em mente, levantamos algumas questões para refletirmos a importância de criar reais possibilidades de instrução em História e Historiografia Digital em universidades do Brasil. Entre as questões a serem discutidas, destacamos as seguintes:

- (1) Quais são as implicações conceituais da “revolução tecnológica” que trouxe consigo uma ressignificação das noções de espaço e tempo, especiais para o trabalho do historiador? *Considerar o presentismo e a desterritorialização frente à intensificação da virtualidade do ciberespaço*;
- (2) Qual é qualidade e a quantidade de materiais disponíveis para historiadores no mundo digital? Como essas potenciais fontes estão diversamente acessíveis? Como são diferentemente compreendidas enquanto documentos digitais, distintos de sua forma analógica (material, de papel)? *Considerar a hipertrofia da memória no Tempo Presente*;
- (3) Como a existência das novas ferramentas digitais podem sugerir ou forjar novas práticas para/na operação histórica? Os métodos decorrentes dessas práticas podem promover novos *insights* no tratamento de problemas históricos? *Considerar novos procedimentos investigativos (exemplo: técnicas de *textmining*^{XXV})*;
- (4) Quais são as oportunidades para o trabalho acadêmico realizado em formato colaborativo? Que inovadoras pedagogias podem resultar de uma comunicação sem fronteiras institucionais via mídias digitais? *Considerar realização de projetos digitais que extrapolam os “muros da universidade” (exemplo: Voyages – Trans-Atlantic Slave Trade Database)*

- (5) Quais seriam as novas possibilidades de representação do passado (resultado da fase representativa da operação história) neste cenário potencialmente inovador? *Considerar projetos de História Digital (exemplo: Identidades do Rio, The Valley of the Shadow)*

Tais problemáticas, compõem, ao menos inicialmente, um feixe de problemáticas bastante farta sobre o “caleidoscópio multiforme de representações do passado”^{XXVI} que podemos encontrar e/ou construir a partir dessas novas ferramentas digitais. Para os historiadores estadunidenses envolvidos nos debates da *Digital History*, há nisso – nessa flexibilidade característica da rede e na plasticidade que ela permite aos textos multimediais – uma clara vantagem para os historiadores, visto que o passado não aconteceu de uma só forma, convém poder representá-lo de mais diversificadas maneiras.

Em relação a essas novas possibilidades de escrita da história, destacamos três características mais marcantes que, em maior ou menor medida, perpassam cada uma das questões acima apresentadas. Essa diversa historiografia é: inscrita no ciberespaço, escrita digitalmente (hipertextualmente) e é divulgada na rede. As três características são interdependentes entre si, uma vez que o elemento central que constitui o ciberespaço é o hipertexto eletrônico que só se torna acessível para o grande público se estiver disponível na rede mundial de computadores.

A esta altura, é importante observar o que pode ser esse dito ciberespaço que, para Pierre Lévy é:

... **espaço** de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. (...) Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de rede hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. **Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço.** Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o **principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século.** (grifo nosso)^{XXVII}

Sem dúvidas, o alarde de Lévy em relação a este espaço como “suporte de memória” é um problema a ser refletido pelos historiadores, independentes deles estarem envolvidos nos debates da História e Historiografia Digital ou não. Mas da definição apresentada pelo filósofo, o que mais nos interessa destacar aqui, como característica performática da escrita da história neste ambiente, é o seu aspecto hipertextual, pois é este que mais profundamente toca os cânones da Clio, uma vez que interfere nos três dispositivos clássicos da prova histórica: a nota, a referência e a citação.^{XXVIII} Tal característica do ciberespaço é, portanto, o que permite a partir dele novas experiências de leitura e escritura graças ao dispositivo do hipertexto. Para David J. Staley, o hipertexto seria capaz, até mesmo, de mudar as relações entre autor e leitor:

(...) ligação digital de palavras como numa teia, não em uma cadeia linear tal como no texto impresso. Em vez de estar confinado dentro dos limites físicos do códice impresso, o "texto" de hipertexto se expande para preencher a rede eletrônica, uma vez que qualquer bloco de texto pode ser teoricamente ligado a outro bloco qualquer de texto em algum lugar do espaço eletrônico. O enredo do texto serpenteia-se através desta rede, determinada tanto pelas decisões do leitor como pelas intenções do autor. Portanto, a tela do

computador fornece uma superfície de escrita não-linear, onde não há começo, meio ou fim do texto, onde as noções tradicionais de enredo linear e seqüência são derrubados, e onde as fronteiras sólidas entre o escritor e o leitor são quebrados.^{XXX}

Em face disso, consideramos relevante refletir sobre as possibilidades de novas semânticas histórias que se abrem com o hipertexto eletrônico. Como observa Dirk Van Hulle, o “processo de escrita” exerce uma grande influência no “produto escrito”^{XXX}. Ocorre que, ao construirmos um texto expansível e não-linear para o ciberespaço um dos elementos básicos da operação historiográfica, que articula estrutura, conjuntura e acontecimento, qual seja, a narrativa histórica – construída sob o rigor do método que lhe impõem diversos procedimentos para atestar a fidedignidade do texto – é modificado.

Na literatura sobre História e Historiografia Digital, a primeira diferença notável sobre esta narrativa digital é seu formato hipertextual que, através da navegação por esses “nós de informação” que são os *links*, permitiria a navegabilidade de um mesmo texto em vários níveis de leitura, isto é, diferentes estratos de um mesmo *corpus* informacional. Essa construção do texto em vários andares^{XXXI} possibilitaria uma leitura estratificada que, por sua vez, permitiria ao leitor navegar, segundo a ordem sugerida pelos seus próprios critérios, tanto por “aquela parte do empreendimento histórico que é visível para consumidores não-historiadores”, quanto por “aquela ordem de atividades intelectuais pelas quais o passado histórico é estabelecido na pesquisa histórica”^{XXXII}. Ou seja, tal construção permitiria ao leitor navegar, respectivamente, pela superestrutura e infra-estrutura do conhecimento histórico. O que está em jogo, portanto é a possibilidade de, além de apresentar uma narrativa histórica sobre o passado, poder expor, em outros “setores” do texto (não necessariamente equiparáveis a capítulos de um modelo monográfico impresso) as evidências, os procedimentos, métodos e chaves de leitura que também “fizeram” aquela operação histórica^{XXXIII}.

Diante disso, como fica a relação entre a história e narrativa? Historiador e leitores? Texto e hipertexto? Que novos problemas esse panorama nos coloca e como enfrentá-los? Não temos respostas prontas para estes questionamentos. Aqui essa problematização é, sobretudo, uma provocação para se identificar quais seriam exatamente os novos problemas e as novas possibilidades de abordagens e representações do passado nesse contexto. Ora, o próprio debate acerca da narrativa não é, *per sé*, uma novidade nos autos de Clio. Contudo, quais seriam as especificidades deste problema no Tempo Presente?

Uma vez individuados os aspectos que podem ser mais genericamente classificados como inéditos, caberia também interrogar como as novas dificuldades e oportunidades de pesquisa poderiam ser discutidas nos espaços de formação do profissional de história. Como discutir com graduandos e licenciandos essas questões? Cabem leituras, seminários, oficinas, experimentos? Se do lado da pesquisa se abrem todas essas “janelas” com interrogações, perguntas se colocarão para o ensino? Ao mesmo tempo, em termos de divulgação científica, a inserção histórias no ciberespaço também apresenta uma infinidade de ocasiões. Para o humanista digital Shawn Graham, por exemplo, as mídias digitais fazem de toda história, história pública^{XXXIV}, isto é, ao menos potencialmente divulgada, na medida em que fica acessível para amplas audiências na Internet. Ora, poderíamos nos questionar ainda, em que medida uma escrita da história digital, hipertextual, potencialmente multimídia (que apresenta textos, imagens, vídeos, áudio, mapas etc.), que disponibiliza suas fontes na Internet e permite diferentes níveis de leitura também não pode ser considerada, com suas especificidades, um novo formato de texto didático? Enfim, são inúmeros os questionamentos. O intento

central deste artigo, que esperamos ter minimamente alcançado, foi o de levantar os problemas básicos que devemos nos colocar para considerar a necessidade de incluir este debate em um espaço formal de instrução em História e Historiografia Digital na Academia brasileira. Ainda que não se abram disciplinas exclusivas para o tema, seria valiosa a inclusão da temática nos programas de curso das mais variadas áreas da história e não apenas em disciplinas relativas à teoria e metodologia da História. Embora a relação História e novas mídias possa parecer, em um primeiro momento, mais próxima de recortes mais contemporâneos, abundam nos centros de pesquisa de *Digital Humanities*, *Informatica Umanistica*, História e Historiografia Digital, o uso de ferramentas digitais em trabalhos de áreas de concentração como Medieval e Moderna. Afinal, em todas as áreas compartilhamos a necessidade da pesquisa documental, da análise de fontes e da escrita.

Notas:

^I Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui graduação e licenciatura plena em História pela mesma universidade (2012). É membro e pesquisadora do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET-UFS) e da Rede Brasileira de História Pública. Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/2768895341773857>. Email: anita.lucchesi@gmail.com.

^{II} Este artigo desenvolve questões discutidas durante o Simpósio Temático “História Digital: conceitos, fontes, métodos e experiências.”, realizado em dezembro de 2013 na Universidade Federal de Sergipe no âmbito do Seminário “Debates do Tempo Presente”. Na ocasião, apresentei a comunicação “Metodologia da História 2.0: entre teoria e técnica”. Aproveito para agradecer os colegas que participaram do simpósio pela rica troca realizada no espaço para debates. Obrigada também à Marcella Albaine pelos comentários ao texto que segue.

^{III} WELLS, H.G. *The Time Traveller*, (1901)

^{IV} JENKINS, Keith. *O que é a história? In: A História Repensada*. Tradução: Mario Vilela. Editora Contexto, 2001. p.33.

^V CERTEAU, Michel de. *A operação histórica*. In: NORA, Pierre & LE GOFF, Jacques (Org.). **Historia: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. p. 28.

^{VI} GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado de. Prefácio. *Apresentação* In: HARTOG, François. **O século XIX e a História: o caso de Fustel de Coulanges**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. p. 09

^{VII} HAYLES, Katherine N. *The Transformation of Narrative and the Materiality of Hypertext*. **Narrative**, v. 9, n. 1, p. 21–39, 2001.

^{VIII} DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

^{IX} Kranzberg foi professor de história da tecnologia no *Georgia Institute of Technology* e fundador da *Society for the History of Technology*. Em 1986 publicou um artigo curto estabelecendo seis leis para a tecnologia, a primeira delas versava basicamente sobre a não neutralidade da tecnologia.

^X Adverte-se que as citações retiradas de originais em língua estrangeira são apresentadas em Língua Portuguesa em uma livre tradução realizada pela própria autora. Os textos originais da citação seguirão indicados, como neste caso, em nota de rodapé: Original: “Technology is neither good nor bad; nor is it neutral. By that I mean that technology's interaction with the social ecology is such that technical developments frequently have environmental, social, and human consequences that go far beyond the immediate purposes of the technical devices and practices themselves, and the same technology can have quite different results when introduced into different contexts or under different circumstances.” KRANZBERG, Melvin. *Technology and History: “Kranzberg's Laws”*. **Technology and Culture**, vol. 27, n. 3, 1986.

^{XI} Sistema de servidores de Internet que suportam especialmente documentos formatados. Os documentos são formatados em uma linguagem de marcação chamada HTML (*HyperText Markup Language*) que suporta *links* para outros documentos, bem como gráficos, áudio e arquivos de vídeo. Isto significa que se pode saltar de um documento para outro simplesmente clicando nos *hot spots (links)*. Ver LUCCHESI, Anita. *Glossário* In: **Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da**

História no Tempo Presente (2001-2011). Dissertação (Mestrado em História Comparada). Programa de Pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

^{XII} CARR, Nicholas. Is Google Making Us Stupid? **The Atlantic**, Jul-2008.

^{XIII} CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

^{XIV} Disponível em: <http://ahdig.org/> Último acesso em: 28.03.2014.

^{XV} ANDERSON, Steve F. **Technologies of history: visual media and the eccentricity of the past**. Hanover: Dartmouth College Press, 2011. p.01

^{XVI} RAGAZZINI, Dario. **La storiografia digitale**. Torino: UTET Libreria, 2004.

^{XVII} COHEN, Daniel J; ROSENZWEIG, Roy. **Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

^{XVIII} FIGUEIREDO, Luciando. *História e Informática: o uso do computador* In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

^{XIX} Idem, p. 439.

^{XX} Neste cenário, o livro de Dilton Cândido Santos Maynard, *Escritos sobre história e internet (2011)* é de grande valia neste esforço de pleito em que nos inserimos para que se pesquise e a fundo as relações entre história e Internet no Brasil. Igualmente relevantes têm sido os eventos que o mesmo autor organiza e participa favor da discussão das novas tecnologias no trabalho do historiador (educação e pesquisa), como a mesa “História e TIC’s” na XXVII ANPUH (2013); O Grupo de Estudos do Tempo Presente (UFS/GET- CNPq), coordenado por Maynard, promove eventos, mantém uma revista eletrônica (<http://getempo.org/>) e desenvolve projetos de pesquisa relativos à “história/historiografia digital”; também se inserem na discussão Caio Boschi em *O Historiador, os Arquivos e as Novas Tecnologias. Notas para debate* (2009) e Célia Cristina da Silva Tavares em “Novos Domínios da História” com o artigo *História e Informática* (2012); Fábio Chang de Almeida discute a relação entre Internet, Tempo Presente e ofício do historiador em sua dissertação *A Serpente na Rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina* (ALMEIDA, 2008); Leandro Coelho de Aguiar também defende em 2012 o trabalho dissertativo “Cultura digital e fazer histórico: estudo dos usos e apropriações das tecnologias digitais de informação e comunicação no ofício do historiador” (2012), refletindo sobre a informatização e digitalização da Clio pela perspectiva da Ciência da Informação; Ricardo Medeiros Pimenta (PPGCI/IBICT-UFRJ) também tem demonstrado interesse pelo tema. No XV Encontro Regional de História ANPUH-Rio apresentou a comunicação “Conhecimento histórico na Web: novos espaços e personagens na escrita da História” e em 2013 foi debatedor no IBICT da mesa redonda “Cultura Digital e Informação: Desafios para a memória do futuro”, onde também participaram conosco, Ivan Capeller (ECO/UFRJ) e Bruno Leal Pastor de Carvalho (Doutorando do PPGHIS/UFRJ); É Carvalho aliás, quem gere a partir do Rio de Janeiro uma grande rede social para historiadores (embora qualquer pessoa possa participar, ler e postar conteúdos sobre a matéria nesta rede), chamada Café História (<http://cafehistoria.ning.com/>). A rede, em 2013, organizou junto à Associação Nacional de História, seção Rio de Janeiro (ANPUH-RJ), o debate “História Digital: ensino, divulgação e pesquisa”, do qual participaram Bruno Leal (UFRJ/CAFÉ HISTÓRIA), Lise Sedrez (UFRJ) e Keila Grinberg (UNIRIO), com mediação: Flávio Edler (FIOCRUZ/ANPUH-RJ).

^{XXI} Pesquisa realizada sob orientação do Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (PPGHC/UFRJ; DHI/UFS) com apoio financeiro da CAPES entre 2012 e 2014.

^{XXII} MANOVICH,

^{XXIII} HARTOG, François *El Historiador en un mundo presentista*. In: DEVOTO, Fernando. **Historiadores, Ensayustasy Gran Publico 1990-2010**. Buenos Aires, Ed. Biblos, 2010. p. 01.

^{XXIV} Segundo levantamento Ibope Media. VALOR, Internet no Brasil ultrapassa 100 milhões de usuários, aponta Ibope. 10.07.2013. Disponível em: <http://www.valor.com.br/empresas/3193596/internet-no-brasil-ultrapassa-100-milhoes-de-usuarios-aponta-ibope> Último acesso em: 28.03.2014.

^{XXV} O *text mining* consiste numa espécie de mineração inteligente dos textos, procurando extrair informações de alta qualidade e precisão de grande volumes de dados. É uma técnica que permite a criação de “filtros” utilizando robôs eletrônicos (*softwares* como o **MALLET** (*MAchine Learning for Language Toolkit*). Para historiadores, o potencial da ferramenta ainda é imensurável, mas a possibilidade de sondar grandes fundos documentais em instantes pode se mostrar útil tanto no momento da interpretação e análise da documentação, como na etapa anterior, de garimpo de informações.

^{XXVI} VITALI, Stefano. *Rappresentazioni Della Storia e del Passato Nella Rete*. Archivio di Stato, Firenze. 2005. Disponível em: <http://biennale.st.tiscalibusiness.it/62/61793.pdf> Último acesso em: 28.03.2014.

^{XXVII} LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000. p.92-93.

^{xxviii} CHARTIER, Roger. A aventura do livro do leitor ao navegador conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.60-61.

^{xxix} Original: [Hypertext refers to] the digital connection of words as in a web, not in a linear chain as in a printed text. Rather than being confined within the physical limits of the printed codex, the "text" of a hypertext expands to fill the electronic network, since any block of text can be theoretically linked to any other block of text somewhere in the electronic ether. The plot of the text meanders through this web, determined as much by the decisions of the reader as by the intentions of the author. Therefore, the computer screen provides a non-linear writing surface where there is no beginning, middle or end to the text, where traditional notions of linear plot and sequence are overturned, and where the solid boundaries between writer and reader are shattered." STALEY, 1998,

^{xxx} HULLE, Dirk Van. "Hypertext and Avant-texte in Twentieth-Century and Contemporary Literature" In: *Companion to Digital Literary Studies*. ed. Susan Schreibman and Ray Siemens. Oxford: Blackwell, 2008 <http://www.digitalhumanities.org/companionDLS/> Último acesso em: 28.03.2014.

^{xxxi} DARNTON, 1999

^{xxxii} GOLDSTEIN apud GRAFTON, Anthony. In: **As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé**. Campinas: Papirus, 1998. p. 189.

^{xxxiii} Ilustram bem esta característica da escrita digital o projeto de *Digital History* afora citado - [The Valley of The Shadow](#) – e o artigo digital a seguir AYERS, Edward L.; THOMAS, William G. III. *The Differences Slavery Made: A Close Analysis of Two American Communities*. Virginia Center for Digital History, University of Virginia, 2003. Disponível em: <http://www2.vcdh.virginia.edu/AHR/> Último acesso em 28.03.2014.

^{xxxiv} GRAHAM, Shawn. The Wikiblitiz: A Wikipedia Editing Assignment in a First Year Undergraduate Class Writing History in the Digital Age. Disponível em: <http://writinghistory.trincoll.edu/crowdsourcing/graham-2012-spring/> Último acesso em 28.03.2014.

Referências bibliográficas:

AGUIAR, Leandro Coelho de. **Cultura digital e fazer histórico: estudo dos usos e apropriações das tecnologias digitais de informação e comunicação no ofício do historiador**. Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação, 2012.

ALMEIDA, Fábio Chang de. **A serpente na rede : extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina**. Dissertação de Mestrado em História – Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em História, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15011>>. Acesso em: 18 fev. 2013.

ANDERSON, Steve F. **Technologies of history: visual media and the eccentricity of the past**. Hanover: Dartmouth College Press, 2011. p.01

AYERS, Edward L.; THOMAS, William G. III. *The Differences Slavery Made: A Close Analysis of Two American Communities*. Virginia Center for Digital History, University of Virginia, 2003. Disponível em: <http://www2.vcdh.virginia.edu/AHR/> Último acesso em 28.03.2014.

BOSCHI, Caio César. *O historiador, os arquivos e as novas tecnologias : notas para debate / Caio Boschi* In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. **Outros combates pela História**. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra: 2010

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; GRINBERG, Keila; SEDREZ, Lise Fernanda. **Debate online Historia Digital: Ensino, Pesquisa e Divulgação**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=T-aRq1c3QiY>. Último acesso em: 28.03.2014.

CARR, Nicholas. Is Google Making Us Stupid? **The Atlantic**, Jul-2008.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005

CERTEAU, Michel de. *A operação histórica*. In: NORA, Pierre & LE GOFF, Jacques (Org.). **Historia: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. p. 28.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.60-61.

COHEN, Daniel J; ROSENZWEIG, Roy. **Digital history: a guide to gathering, preserving, and presenting the past on the Web**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *A Historian of Books, Lost and Found in Cyberspace*. **Chronicle of Higher Education**, B4, 12 de Março de 1999. Disponível em: <http://www.historians.org/prizes/gutenberg/rdarnton.cfm>. Acesso em: 30 jan. 2013.

FIGUEIREDO, Luciando. *História e Informática: o uso do computador* In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

GOLDSTEIN apud GRAFTON, Anthony. In: **As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé**. Campinas: Papyrus, 1998. p. 189.

GRAHAM, Shawn. The Wikiblitiz: A Wikipedia Editing Assignment in a First Year Undergraduate Class Writing History in the Digital Age. Disponível em: <http://writinghistory.trincoll.edu/crowdsourcing/graham-2012-spring/> Último acesso em: 28.03.2014.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado de. Prefácio. *Apresentação* In: HARTOG, François. **O século XIX e a História: o caso de Fustel de Coulanges**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. p. 09

HARTOG, François *El Historiador en un mundo presentista*. In: DEVOTO, Fernando. **Historiadores, Ensayustasy Gran Publico 1990-2010**. Buenos Aires, Ed. Biblos, 2010. p. 01.

HAYLES, Katherine N. *The Transformation of Narrative and the Materiality of Hypertext*. **Narrative**, v. 9, n. 1, p. 21-39, 2001.

HULLE, Dirk Van. "Hypertext and Avant-texte in Twentieth-Century and Contemporary Literature" In: *Companion to Digital Literary Studies*. ed. Susan Schreibman and Ray Siemens. Oxford: Blackwell, 2008 <http://www.digitalhumanities.org/companionDLS/> Último acesso em: 28.03.2014.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. Tradução de Mario Vilela. Revisão Técnica de. Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001

KRANZBERG, Melvin. *Technology and History: "Kranzberg's Laws"*. **Technology and Culture**, vol. 27, n. 3, 1986.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000

LUCCHESI, Anita. *Glossário* In: **Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a Escrita da História no Tempo Presente** (2001-2011). Dissertação (Mestrado em História Comparada). Programa de Pós-graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

_____. "Sopravviverà la storia all'ipertesto?". *Qualche spunto sulla scrittura della storia ai tempi di internet*. **Diacronie. Studi di Storia Contemporane**, n.12, 4/2012. Disponível em:

http://www.studistorici.com/2012/12/29/lucchesi_numero_12/ Último acesso em: 28.03.2014.

_____. Histórias no ciberespaço: viagens sem mapas, sem referências e sem parateiros no território incógnito da web. **Cadernos do Tempo Presente**, n.6, 2012a.

Disponível em: <http://www.getempo.org/index.php/revistas/26-02/artigos/41-historias-no-ciberespaco-viagens-sem-mapas-sem-referencias-e-sem-parateiros-no-territorio-incognito-da-web-por-anita-lucchesi> Último acesso em: 28.03.2014.

MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2002.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Escritos sobre história e internet**. Rio de Janeiro: Luminária academia, 2011.

RAGAZZINI, Dario. **La storiografia digitale**. Torino: UTET Libreria, 2004.

STALEY, David J. *Designing and Displaying Historical Information in the Electronic Age*. **Journal of the Association for History and Computing**, vol.1, n.1, June 1998. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2027/spo.3310410.0001.103>>.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. *História e Informática*. In: **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2012, pp.301-317.

VALOR, Internet no Brasil ultrapassa 100 milhões de usuários, aponta Ibope. 10.07.2013. Disponível em: <http://www.valor.com.br/empresas/3193596/internet-no-brasil-ultrapassa-100-milhoes-de-usuarios-aponta-ibope> Último acesso em: 28.03.2014.

VITALI, Stefano. Rappresentazioni Della Storia e del Passato Nella Rete. Archivio di Stato, Firenze. 2005. Disponível em: <http://biennale.st.tiscalibusiness.it/62/61793.pdf>
Último acesso em: 28.03.2014.

WELLS, H.G. **The time machine (1901)**. Dover Publications: London, 1995.

Sitografia (projetos e softwares citados):

Identities do Rio - <http://www.pensario.uff.br/> Último acesso em: 28.03.2014.

MALLET - <http://mallet.cs.umass.edu/> Último acesso em: 28.03.2014.

The Differences Slavery Made: A Close Analysis of Two American Communities.
<http://www2.vcdh.virginia.edu/AHR/> Último acesso em 28.03.2014

The Valley of the Shadow - <http://valley.lib.virginia.edu/> Último acesso em: 28.03.2014.

Voyages – Trans-Atlantic Slave Trade Database
<http://www.slavevoyages.org/tast/index.faces> Último acesso em: 28.03.2014.